

Indústria e agricultura no desenvolvimento econômico

Carlos Luque, Simão Silber, Francisco Vidal Luna e Roberto Zagher

Valor Econômico, 27/07/2020

Sem crescimento industrial, Brasil não integrará o mundo moderno

O Brasil começou a se industrializar nos anos 1920. Por 60 anos, nossas políticas econômicas foram guiadas pela ideia de industrialização necessária para melhorar o padrão de vida da população e modernizar o país. A partir dos anos 1950, os países asiáticos também adotaram a industrialização como caminho à modernidade. Os resultados foram significativos. Tanto o Brasil quanto os países asiáticos passaram a crescer a taxas elevadas.

Entre 1920 e 1980, com crescimento industrial em dois dígitos, o PIB brasileiro cresceu 6% ao ano, com uma aceleração para 7% durante 1950-80, quando os asiáticos passaram a crescer a taxas “milagrosas”.

Nos últimos 40 anos, os asiáticos continuaram se industrializando e crescendo. Demonstraram que é possível chegar a ser uma nação desenvolvida em duas ou três gerações. O Brasil estava a caminho, mas parou em 1980. Desde então, mesmo antes do colapso econômico pós-2014, o PIB brasileiro cresceu pouco acima da taxa de crescimento da população.

O resultado? Em 1980 a renda per capita do brasileiro era duas vezes a do coreano. Hoje a do coreano é duas vezes a do brasileiro. Desde 1980 o desenvolvimento da agricultura brasileira se acelerou e chegou a taxas “milagrosas”, mas isto não foi suficiente para contrabalançar o colapso do setor industrial cuja participação no PIB caiu de 31% do PIB em 1980 a menos de 10% em anos recentes.

Na mente de muitos economistas e analistas econômicos, a industrialização deixou de ser o caminho à modernidade. As intervenções governamentais passaram a ser visto como um ativismo perigoso. Deixada a si só, a economia encontraria seu caminho. Se a agricultura cresce, por que nos preocupar com a falta de crescimento da indústria? Essa visão ganhou fôlego e força. Muitos economistas de renome e influentes se convenceram de que se agricultura e mineração crescerem a taxas altas, o declínio da indústria brasileira não teria de ter maiores consequências.

As consequências são severas. As últimas décadas demonstram que a agricultura não pode compensar a falta de crescimento industrial e fazer com que a economia como um todo cresça às taxas de 4-5-6% que o país precisa. Além do mais, o aumento de produtividade na agricultura reduz o emprego agrícola, agora menos de um quinto do emprego total. Sem dinamismo industrial, aumenta a informalização da força de trabalho.

Estudos empíricos em muitos países mostram que os empregos “bons”, estáveis e com salários maiores se realizam através do crescimento industrial. Finalmente, por mais dinâmico e sofisticado que o setor agrícola seja, sem crescimento industrial o Brasil não poderá integrar o mundo moderno da indústria farmacêutica, microbiologia, eletrônica, inteligência artificial, etc.

Políticas econômicas e diferenças estruturais explicam o diferencial de crescimento entre agricultura e indústria. Políticas econômicas adversas à indústria começam com o

aumento do preço do petróleo nos anos 1970 que levou a Coreia por exemplo, a abrir sua economia e por a ênfase na industrialização com exportações de manufaturados. No Brasil, a “segunda fase de substituição de importações” abandonou o foco sobre exportações de manufaturados, fechou a economia e criou uma estrutura industrial dependente de alta proteção.

Nos anos 1980, com um segundo choque petróleo e aumento das taxas de juros internacionais manteve-se um câmbio apreciado. Finalmente, a partir do Plano Real a luta contra inflação dominou as políticas econômicas. O tripé de superávits primários, taxas de juros altas, e taxas de câmbio flexíveis e apreciadas, necessário nos primeiros anos do Plano Real, se manteve até hoje respondendo às necessidades, tanto reais como imaginadas, de estabilização econômica, não à da economia real. Por duas décadas os juros constituíram o maior item de despesa do governo federal, apesar de uma dívida pública modesta.

A agricultura brasileira sofreu os mesmos choques, mas reagiu de maneira diferente. O câmbio cronicamente apreciado fez com que a indústria perdesse mercado externo e interno. A agricultura combateu o câmbio baixo com aumentos de produtividade nada menos do que revolucionários. Pôs o foco no mercado externo, criou seus próprios canais de financiamento interno e externo e integrou-se nas cadeias de valor internas e externas. Em duas décadas o Brasil tornou-se um dos maiores produtores mundiais.

No aumento de produtividade agrícola a Embrapa teve um papel central. A Embrapa beneficiou-se de amplos recursos governamentais, capacidade empresarial, inovações técnicas e organizacionais. Poderia a indústria se beneficiar de algo similar? Há diferenças estruturais entre os dois que o impedem.

A agricultura produz os mesmos produtos há milênios. Um grão de trigo é um grão de trigo desde a antiguidade. Um ovo é um ovo há milhares de anos. O mesmo é verdade para todos os produtos agrícolas. O que muda na agricultura é o método de produção, não o produto. Na indústria seria difícil encontrar um produto com mais de cem anos.

O leque de produtos agrícolas é muito menor do que o leque de produtos industriais. Inovações tecnológicas na agricultura se repercutem através de milhares de produtores que produzem o mesmo produto. Pode levar tempo, mas, uma vez adotada, uma nova tecnologia não caduca em 5-10 anos como ocorre na indústria.

Além do mais, cada agricultor que absorve uma nova tecnologia se torna um difusor dessa tecnologia. Não há o que esconder de um concorrente. A nova semente pode ser segredo, mas para a difusão de uma nova semente há toda uma estrutura de suporte técnico, privado e público. O custo de introduzir uma nova tecnologia para um agricultor é muito menor: ele pode testar em uma área, ter resultado em um ano, e no ano seguinte pode adotar a nova tecnologia. Na indústria o investimento para experimentação é muito maior.

Essas diferenças estruturais fazem com que não é realista esperar que a indústria brasileira se recupere com inovações técnicas. A Embraer é uma façanha tecnológica, há outras, mas essas são pontuais, levaram décadas para frutificar e não podem ser reproduzidas em grande escala como é o caso na agricultura.

Por último, o custo Brasil teve efeitos perversos na indústria, mas não é a causa única do declínio industrial, e talvez não a principal. O protecionismo foi fatal para a indústria. O agronegócio usa indústria, serviços e logística que representam mais da metade do custo final do produto. E ainda assim é competitivo.

Recriar as condições de políticas micro e macroeconômicas permitindo a retomada do crescimento industrial pari-passo com o crescimento agrícola é fundamental para o futuro do país.